

A midiatização da cultura e a personagem do agente secreto James Bond no cinema

The mediatization of culture and the character of the secret agent James Bond in the cinema

Gelson Santana¹, Bernadette Lyra²

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (UAM).
E-mail: gsansan@gmail.com.

2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (UAM).
E-mail: blyra@uol.com.br.

Resumo

Objetiva-se verificar transformações ocorridas na personagem de James Bond no cinema ao longo das cinco décadas em que foram produzidos os filmes de 007, em decorrência de mudanças que emergem a partir do fenômeno da midiatização da cultura que hoje permeia a sociedade, não apenas se apropriando dos fenômenos culturais, mas também afetando seus modos de representação expressiva. Serão analisados aspectos como o conforto e a virilidade da personagem do agente secreto nos cinco primeiros e no sétimo filme da saga, com o escocês Sean Connery, em contraposição aos quatro últimos filmes, com o inglês Daniel Craig, para comprovar, na evidência cinematográfica, certos intercâmbios que ao longo do tempo ocorrem entre os eventos sociais e a cultura das mídias, em sua evolução política e audiovisual, da última metade do século XX até as primeiras décadas do século XXI.

Palavras-chave

James Bond, cinema, midiatização.

Abstract

The objective is to verify the transformations that took place in the James Bond cinematographic character during the five decades in which the 007 films were produced, as a result of changes that emerge from the phenomenon of mediatization of culture that permeates society nowadays, not only appropriating cultural phenomena but also affecting their modes of expressive representation. Aspects such as the comfort and virility of the secret agent's character in the top five and still in the seventh film of the saga, with Scotsman Sean Connery, in contrast to the last four films, with the Englishman Daniel Craig, to prove, in the cinematographic evidence, certain exchanges that, over time, take place between social events and media culture, in their political and audiovisual evolution, from the last half of the 20th century to the first decades of the 21st century.

Keywords

James Bond, cinema, mediatization.

James Bond nasce em 1953, no berço da suposta fonte primária da revolução industrial: o Reino Unido. Foi criado pelo escritor Ian Fleming como um agente secreto dos romances de espionagem, mas é com o cinema que passa a ser reconhecido e se torna um verdadeiro fenômeno social.

O espião 007 é um produto da Guerra Fria, porém continua para muito além dela. É um sobrevivente que enfrenta vilões ameaçadores e atravessa momentos marcantes de perigo para a humanidade, sempre com a mesma elegância, astúcia e estoicismo, nutrido pela mitologia de si, como tantas personagens que sustentam a cultura midiática de hoje.

Nada melhor para o homem "ocidental" do que um herói atento, lutando contra as safadezas que só os vermelhos são capazes de planejar enquanto devoram criancinhas com *champignon*. Um herói com licença para matar dentro das regras sujas e cínicas da era pós-guerra fria (MARQUEZI, 1980, p. 54).

Traduzido nas telas, ele é a convergência de uma série de artifícios, que emergem diretamente de uma certa situação do capitalismo ocidental, ao longo das cinco décadas em que foram produzidos os filmes que protagoniza, postos diante do crescente e evolutivo processo de midiaticização que hoje permeia a sociedade – não apenas apropriando-se dos fenômenos culturais, mas também afetando seus modos de representação expressiva, acabando, assim, por incidir em uma experiência coletiva de mundo.

Desse modo, no princípio da saga cinematográfica, 007 se apresenta como uma personagem invulnerável e monolítica, moldada dentro da ideia de concretude de que a cultura capitalista necessita e que deseja exibir durante a Guerra Fria; depois, torna-se vulnerável e permeável, tal como ocorre com a cultura construída a partir da disseminação, nas sociedades, dos elementos e fatos que circulam no espaço virtual, na contemporaneidade.

Essa transformação na construção fílmica do espião inglês não é negativa, mas adaptativa, provocada por demandas das sociedades, sempre em evolutivo estado de necessidade de novos processos culturais e interacionais.

Desse modo, examinar algumas das mutações ocorridas no perfil de 007 em vinte e quatro filmes – em especial aquelas que marcam os cinco primeiros e ainda o sétimo da saga, protagonizados pelo escocês Sean Connery³, em contraposição aos quatro últimos, com o ator inglês Daniel Craig⁴ – apresenta um atrativo específico, dada a variedade de tons, aspectos e modalidades que os colorem e acabam por fazer deles um testemunho exemplar dos intercâmbios que ocorrem entre os eventos sociais e a cultura das mídias, em sua evolução política e audiovisual, da última metade do século XX até as primeiras décadas do século XXI.

Variações em torno do conforto de um espião no mundo

Cabe observar que, apesar das mudanças, James Bond aparenta sempre estar confortável, qualquer que seja a narrativa que protagonize, qualquer que seja a situação que enfrente, qualquer que seja a parte do mundo em que esteja.

Esse conforto é uma consequência “natural” de sua própria existência, pois sua função/missão, enquanto agente secreto, é guardar e proteger um mundo moldado à imagem da “confortabilidade” difundida e defendida pelos interesses capitalistas.

Em se tratando, por exemplo, do modelo de conforto burguês, parece evidente que se trata, apenas, de uma forma particular de conforto, correspondente a uma cultura e a um campo específico, da qual estão excluídos, por definição, bárbaros e outros membros das classes populares que não têm nem os meios nem o interesse de jogar esse jogo (LE GOFF, 1994, p. 56, tradução nossa)⁵.

3 *007 contra o satânico Dr. No* (1962), de Terence Young; *Moscou contra 007* (1963), de Terence Young; *007 contra Goldfinger* (1964), de Guy Hamilton; *007 contra a chantagem atômica* (1965), de Terence Young; *007: só se vive duas vezes* (1967), de Lewis Gilbert; *007: os diamantes são eternos* (1971), de Guy Hamilton.

4 *007: Cassino Royale* (2006), de Martin Campbell; *007: Quantum of Solace* (2008), de Marc Forster; *007: Operação Skyfall* (2012), de Sam Mendes; *007 contra Spectre* (2015), de Sam Mendes.

5 “S’agissant, par exemple, du modèle confortable bourgeois, il semble évident qu’il ne s’agit, là que d’une forme particulière de confort, correspondant à une culture et un champ spécifiques, desquels sont exclus, par définition, barbares et autres membres des classes populaires qui n’ont pas les moyens, ni l’intérêt de jouer ce jeu.”

Estar confortável, para James Bond, é, antes de tudo, pertencer a um mundo no qual acredita-se que o mal, por mais perigoso, temível e ameaçador que seja, pode e deve ser eliminado. Porém, o que implica estar em constante estado de conforto para uma personagem que *dura* a exata medida em que se apresenta uma missão a cumprir?

Implica a existência de um ponto de instabilidade que se intromete na narrativa a cada vez que o agente 007 tem de combater qualquer traço de desconforto que possa se fazer presente em seu mundo, uma vez que ele está capacitado a extirpar qualquer nódulo desconfortável que ameace a realidade de cartão postal dos lugares que frequenta, das vistas exóticas e paisagens diversas, em especial daquelas apreciadas pelo James Bond de Sean Connery nos filmes com um deleitoso “olhar de turista”.

No geral, o espião de Sua Majestade é, antes de tudo, uma personagem olímpica que reina, ele também, acima de qualquer manifestação social ou cultural que possa existir no planeta.

Ao se fazer presente em qualquer parte, em qualquer país ou cidade, tudo no planeta tende a se voltar em sua direção. E ele emana de si um conforto que garante sua centralidade reinante, e implica na construção de uma narrativa que exhibe o triunfo do mundo tecnológico sobre a natureza. A função primordial de 007 é manter visível essa narrativa pessoal civilizada e triunfante, em contraste com a narrativa pessoal dos vilões que contracenam com ele e que, assim parece, ainda acreditam em totalitarismos baseados no poder da barbárie.

Assim é que o fantasma de um bárbaro totalitarismo ronda os oponentes de James Bond como espectro onipresente que permanece a ameaçar o mundo mesmo depois do fim triunfante da Segunda Grande Guerra, quando o capitalismo ocidental tinha a pretensão de assegurar o bem-estar e a felicidade, por obra e graça da tecnologia posta em livre mercado, através do consumo.

Dessa forma, é preciso lembrar que James Bond, tal como figurado nos filmes, é o consumidor ideal, que faz uso dos produtos tecnológicos com o prazer e “profundidade” de quem acha que o mundo é puro design e faz do design das

coisas do mundo um espelho de seu modo de ser. Ou seja, enxerga o mundo como um imenso mercado, onde tudo está pronto para ser consumido e adquirido.

Contudo, a ideologia totalitária que permeia a barbárie e está perpetuada, insistentemente, na figura dos adversários, tende a atrapalhar essa relação de desejo de aquisição e consumo que 007 exercita, desfruta à vontade, e que lhe é permitida pelos avanços da tecnologia.

Resulta, então, que para 007 o mundo no qual os seus oponentes se abrigam para perpetrar seus ataques não apresenta prazer. Trata-se de um mundo em estado de histeria constante pela ânsia de um poder irrestrito.

Do contraste entre o possuir e consumir volúvel – e sempre variado – de Bond e a histeria da cristalização de totalitarismo que marca os seus mirabolantes adversários, emana uma estranha e inexplicável sensação de presença, uma certa “ambiência” que, de algum modo, através do tempo, toca os espectadores e que, se não explica de todo a multiplicidade dos filmes, por certo contribui para a persistência da saga do espião britânico nas telas e gerencia a fidelidade de seus milhares de fãs, postos em um estado de espírito que Hans Ulrich Gumbrecht, em seu livro *Atmosfera, ambiência, Stimmung* (2014), não hesita em associar à experiência de quem se vê diante de uma obra e, concomitantemente, é afetado por ela. Uma experiência estética que está muito além das habituais questões de sentido e significação.

As condições favoráveis à produção dessa experiência (*Stimmung*) “podem ser cumpridas por meio de eventos de tipo variado: derrotas ou vitórias militares, prosperidade ou pobreza, a construção de nações ou a frustração de tais esforços” (GUMBRECHT, 2014, p. 31).

Pois é justamente isso que os espectadores vivenciam: uma atmosfera, um “ambiente” em que se sentem imersos, tanto ao assistir repetidamente a tais eventos em filmes da saga quanto repetindo, continuamente, a ida ao cinema para acompanhar as peripécias do 007. Em ambos os casos, a ambiência é alimentada pela repetição.

Por sua vez, o conforto de si, que se evola da personagem de 007, pode ser tido, também, como um tipo particular de ambiência, que decorre dele e

a ele retorna, quando o agente secreto se sente movido (e comovido) por um conflito básico: servir à nação (no caso, o Reino Unido) ao mesmo tempo em que satisfaz a si mesmo.

Esse conflito se resolve de maneiras distintas, à medida que os filmes vão se adaptando às transições e mudanças na cultura midiática. Se antes as fronteiras entre o bem e o mal, o certo e o errado pareciam definidas, hoje o que se deixa entrever é que as fronteiras foram apagadas; já não há mais as convenções de transição entre o engajamento patriótico e a ação individual.

Essa tensão da indiferença cultural contemporânea, aplicada aos filmes de James Bond, demonstra que 007, quando personificado nos primeiros filmes por Connery, oscilava entre a ilusão de sua liberdade e a submissão ao dever de defender a liberdade do mundo ocidental capitalista, representado pelo Reino Unido; agora, quando figurado por Craig, ele flutua na indiferença globalizada do capitalismo e parece atado a si mesmo de maneira inexorável.

Acontece que, no primeiro caso, ainda, o mundo ocidental é abordado primordialmente como um lugar seguro e que assim deve permanecer. No segundo, o mundo parece ter se transformado em um lugar selvagem, sem um futuro definido.

Como decorrência dessa última condição, dois paradigmas determinam o efeito espetáculo dos últimos quatro filmes, protagonizados por Craig: a) o triunfo sobre um inimigo, hoje, não é apenas exterior, ele faz parte do personagem, ou seja, o próprio 007 condensa a causa e o efeito dos perigos que abatem o Ocidente na sua mais pura dimensão política; e b) não há descanso para James Bond, não existe paz para 007 – o que existe é a certeza da incerteza. Essa presença constante da incerteza justifica sua ação e, ao mesmo tempo, assegura sua existência.

As narrativas dos primeiros James Bond trabalham com uma experiência de mundo (uma certeza), enquanto as narrativas dos últimos 007 conformam-se a um estranhamento de mundo (a uma incerteza).

Assim, o 007 de Connery pertence a um mundo familiar a ele e ao confortável controle que ele exerce sobre esse mundo; o de Craig faz parte de um mundo

desconfortável, que ele mal reconhece. Na visão do 007 de Craig, o mundo público parece ter se particularizado, desmontado em pedaços que rechaçam qualquer tentativa de ajuntamento em um todo.

Enquanto o refúgio do James Bond de Connery é o mundo, o refúgio do James Bond de Craig é ele mesmo. Isso porque, no 007 de Connery, o mundo era palpável e familiar, posto sob controle depois da bomba atômica, do fim de Hiroshima e Nagasaki. Ao contrário daquele do 007 de Craig, que parece difuso, repleto de inconstância e sem marcos que determinem o espaço no qual se constroem as vilanias.

Virilidade festiva versus virilidade soturna

O conforto burguês atual tem a seguinte retórica: “Não se preocupe, eu (nós) tomo (tomamos) conta, cuido (cuidamos) de você”. Essa parece ser a máxima de James Bond, quando personificado por Connery; ele atua como uma espécie de grande pai protetor em um mundo sob controle. Já o James Bond de Craig parece habitar um mundo em pedaços, onde consegue apenas manter um aparente controle da situação, um arremedo do ato de proteger.

Essa duplicidade de combinação, que pode ser observada no contraste entre os primeiros e os últimos filmes, constrói uma narrativa com base na figura do protagonista, que expressa em si mesmo – e, também, deixa passar à sensibilidade dos espectadores – seus modos de ser masculino e viril. Contribui ainda para cristalizar a *imagerie* de uma virilidade festiva no James Bond de Connery, uma vez que o tom da virilidade festiva navega entre o divertir e o cuidar, acentuando a virilidade soturna da personagem de Craig, que aparenta um comportamento mesclado de incertezas de que pode amar e, ao mesmo tempo, dar conta dos encargos de proteger o mundo.

Masculinidade e virilidade são condições diferentes, aplicadas ao homem desde a Antiguidade. Enquanto a primeira se refere ao macho da espécie humana, com sua carga física específica de força e capacidade sexual, a segunda diz respeito ao ideal de força e sexualidade exercitada e construída com virtude,

segurança e maturidade. "A virilidade é marcada por uma tradição imemorable: não simplesmente o masculino, mas sua natureza mesma e sua parte mais nobre, senão a mais perfeita" (COURBAN; COURTINE; VIGARELLO, 2013, p. 7).

Mas tais concepções se embaralham e se misturam no decorrer dos séculos, sendo matéria-prima para um sem número de pesquisadores, que se debruçam sobre um também sem número de pressupostos teóricos na tentativa de conceituá-las. Em se tratando dos filmes de James Bond, a personagem do agente secreto é uma combinação perfeita de masculinidade e virilidade. Ao mesmo tempo em que exibe sua potência corporal nas situações de perigo e embate, exercita jogos de sedução atrevidos. Ele combate o inimigo com senso moral de justiça e disciplina, ao qual se juntam altruísmo e generosidade, e atrai as *bond girls* com um misto irresistível de brutalidade, charme e doçura.

Quanto às *bond girls* se dividem em dois grandes grupos. Um, de colegas espãs de 007, envolvidas em missões comuns, como Vésper ou Gala Brand (de Moonraiker). Outro de mulheres selvagens, despreparadas para a carga de civilização trazida por Bond em seu rastro. Entre elas, Honey (de Dr. No) e Kissy (de Só se vive duas vezes). Colegas ou selvagens, todas elas se apaixonavam por Bond, transavam com ele e morriam ou se separavam dele para sempre (MARQUEZI, 1980, p. 53).

No entanto, o que se observa é que, ao longo da saga cinematográfica, ocorrem mutações nos modos de expressão cultural da virilidade de 007.

Tomando como exemplo a constituição e as ações dos dois atores que atuam como protagonista nas narrativas dos cinco primeiros filmes protagonizados por Sean Connery) e nos últimos quatro filmes da série protagonizados por Daniel Craig), é possível comparar modelos de virilidade que vão se constituindo de forma diversa, movidos pelo progressivo afastamento da figuração absoluta daquilo que Joyce Carol Oates (2011, p. 393) chamou de "macho no homem".

Ainda assim, ambos, Connery e Craig, continuam a exemplificar o padrão tradicional de masculinidade, com suas inumeráveis demonstrações de agressividade, de impulsividade e com seus corpos habilitados às situações de reação ao perigo – musculosos, bem delineados e potentes, verdadeiros

“estereótipos musculares viris esculpidos na carne”, que é como Courban, Courtine e Vigarello (2013, p. 558) classifica os corpos de atletas que se exibem na praia, em Muscle Beach. Essas características másculas estão realçadas pela elegância no vestir, no usar dos objetos comuns e no adestramento magistral com que empunham as armas mais variadas.

O que se verifica, então, é que a própria constituição física dos dois atores, de seus corpos, suas roupas, seus adereços, seus relacionamentos amorosos, seus enfrentamentos com os vilões, enfim, seu modo de ser James Bond, estão adaptados a uma duplicidade viril de atuação.

Connery é o 007 cínico, elegante e matador implacável, que executa suas vítimas sem perder a serenidade e a classe. No entanto, apresenta uma forma de virilidade visceral, que o senso comum costuma acreditar ser a marca de alguém que está habilitado e que pode tomar ao seu encargo a proteção dos outros e do bem comum da humanidade (leia-se: a partir dos interesses do Reino Unido).

Craig interpreta um agente mais realista, brutal e violento, sem deixar de lado o aspecto humano da personagem dentro dos eventos dos filmes. Ele apresenta sempre uma incerteza pessoal com relação à sua potencial capacidade de estar em ação. Também é convocado à proteção do mundo – porém, essa proteção se configura como uma necessidade de caráter fragmentário e particular.

Enquanto Connery configura uma imagem de virilidade já naturalmente “bem contornada”, como um elemento vital ou uma força emergente da natureza; Craig demonstra uma virilidade “mal adaptada” a termos naturais, na medida em que parece um produto que emerge da tecnologia corporal atual, ele mesmo.

Aquela virilidade festivamente ostensiva, amparada em uma potência sexual sem limites, apresentada nos filmes pelos 007 de Connery, se transforma em uma virilidade soturna, corrompida por tristezas e sentimentos, nas narrativas protagonizadas por Craig. Neste, permanecem os traços masculinos que marcam James Bond: mandíbula cerrada, olhar frio, jeito enigmático, rapidez desconcertante, gestos firmes e determinados, agilidade na ação. Porém, sobre

toda essa parafernália de “macho” sobrevoa uma nuvem sentimental e humana. 007 sofre, sangra e se apaixona como qualquer mortal⁶.

Conclusão

As transformações, no histórico dos filmes e no fio das narrativas unidas em torno do agente secreto de Sua Majestade, ocorrem como uma necessidade de atualização constante mobilizada pela cultura e pelo mercado.

Os filmes vão desdobrando a saga 007 em um conflito adaptado à luta entre um antigo imaginário de pertencimento (evidente nos filmes protagonizados por Sean Connery) e um sentimento atual de desgarramento (que Daniel Craig enuncia). Dessa maneira, nos primeiros filmes existe uma normalidade a ser alcançada. Nos últimos, nem mesmo parece transparecer o que normalidade vem a ser. Como consequência, apesar de serem o mesmo personagem, as ações dos dois protagonistas divergem e eles combatem o mal em mundos aparentemente distintos. Em Connery, o mundo é uma certeza de concretude, enquanto em Craig o mundo é incerteza. Enquanto o primeiro investiga a certeza do mal, o segundo olha o mal com incerteza.

Ao contrário do mundo do 007 de Connery, o mal não se apresenta saneável no mundo do 007 de Craig. No máximo, pode ser contido pelo agente secreto, mas sem esperança de que seja eliminado. Resulta que o James Bond de Connery parece sempre em estado confortável de paz consigo mesmo; enquanto o de Craig, em estado de desconforto e em crise. Um escora-se na certeza, e não na dúvida; o outro tem a dúvida como mola mestra, e não a certeza.

Desse modo, certeza e dúvida criam um fosso entre as representações das ações nos dois 007. Depois de cada ação do James Bond de Connery, o mundo se apresenta com aparência saneada; com Craig na ação, deixa-se sempre a entender que algo está faltando.

6 A esse respeito, muito se discutiu sobre o “flerte” entre James Bond (Craig) e o vilão Raoul Silva (Javier Bardem), em 007: *Operação Skyfall*.

E se o 007 de Connery deixa passar a atuação confortável de quem vive em um mundo de divisão consolidada (mundo capitalista versus o mundo comunista), o de Craig parece pertencer a um mundo impenetrável e quebrado, onde tudo se fez em fragmentos. A tarefa do derradeiro Bond, seria, então, buscar recolher os pedaços do mundo para encontrar um pouco de paz.

No entanto, a cada perigo explícito, os dois corajosamente cumprem suas missões, cada um à sua maneira: a coragem do 007 de Connery é individual, porém resultado de uma experiência coletiva; ao contrário, o 007 de Craig partilha uma coragem coletiva como resultado de uma experiência individual. Pensar em coletividade, aqui, é pensar em termos de uma poeira do tempo, que se, por um lado, aglutina, por outro, dispersa.

Nesse ponto, é possível dizer, metaforicamente, que James Bond envelheceu ao longo dos filmes (apesar de sua aparência impecavelmente cristalizada ao longo do tempo). Ele é um espião que vive de um passado que não é mais capaz de reconhecer no presente, pois a vilania contemporânea tem um quê de difusa, e o heroísmo contemporâneo tem um quê de impreciso.

Além disso, a sexualidade contemporânea se atualizou em uma multiplicidade de questões ontológicas e complexas. Isso deixa James Bond em situação de "adapte-se ou morra". E é o que este acompanhamento da evolução da personagem do agente secreto de Sua Majestade, com permissão para matar, parece esclarecer. Basta ver como atuam os protagonistas da tão famosa virilidade de 007: a de Connery é festiva, recoberta pelas certezas de um homem que sabe o que faz com as mulheres; a de Craig encena uma virilidade desvinculada da eficiência, embalada por um figurino de caráter *fashion*, oscilante e soturna.

Assim, com a ajuda de James Bond, o cinema contribui para demonstrar diferentes processos que interpenetram a cultura midiática na contemporaneidade, elencando elementos que vão daqueles anteriormente arregimentados, como os enfrentados por 007, por ocasião das ameaças da Guerra Fria, aos que apontam, agora, para um mundo cada vez mais atônito, mergulhado na complexidade das identidades sexuais, das culturas e das sociedades.

Referências

COURBAN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. Prefácio. In: *História da sexualidade: a invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2013. v. 1.

DEJEAN, J. *O século do conforto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

GUMBRECHT, H. U. *Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2014.

LACOUÉ-LABARTHE, P.; NANCY, J.-L. *El absoluto literario: teoría de la literatura del romanticismo alemán*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2012.

LE GOFF, O. *L'invention du confort: naissance d'une forme sociale*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1994.

MARQUEZI, D. *AUIKA!:* algumas reflexões sobre a cultura de massas. São Paulo: Proposta, 1980.

OATES, J. C. Rape and the boxing ring. In: KIMBALL, G; SCHULIAN, J. (Orgs.). *At the fights: American writers on boxing*. New York: Library of America, 2011.

SPEHNER, N. Dossier 007, James Bond: études et essais sur James Bond 007. *Revue Marginalia*, Longueuil, n. 16, 2010.

submetido em: 25 out. 2017 | aprovado em: 04 jan. 2018